



Tempo de Fecundidade e Misericórdia

Emma Ocaña

Tradução:

Maria Antonieta Lopes Vigário

Caderno 24

Curso organizado pela

Fundação Betânia

Maio – 2013

www.fundacao-betania.org

BREVE EXPLICAÇÃO

Em 25 e 26 Maio de 2013, no Rodízio, decorreu o curso organizado pela Fundação Betânia, **Tempo de Fecundidade e Misericórdia** sob a orientação de Emma Martinez Ocaña.

As intervenções de Emma Ocaña durante o curso basearam-se nos conteúdos da sua obra: **TE LLEVO EN MIS ENTRAÑAS DIBUJADA** disponível em:

http://www.narceaediciones.es/libreria/NC_detalle.asp?idLibro=1120

da Editora Narcea: <http://www.narceaediciones.es/default.htm>

Este Caderno nº 24 apenas inclui uma selecção de textos relativos ao curso, pelo que os /as leitores/as devem ter em conta a vantagem de consultar a obra integral.

JESUS SOUBE AJUDAR CADA PESSOA A “DAR À LUZ” O MELHOR DE SI MESMA

Jesus foi um sábio parteiro, nele podemos contemplar em que consiste esse **saber servir de ajuda**.

Cuidou mas não superprotegeu, nem suplantou, nem fez pelos outros o que eles podiam e deviam fazer, não se fez protagonista do crescimento nem das curas, sempre devolvia ao outro o mérito: “A tua fé te salvou”.

Ajudou sentindo apaixonadamente a dor dos seus mas não entrou em confluência com ninguém.

Cuidou próximos e longínquos, os seus e os estrangeiros, privilegiou todos os excluídos pelo sistema, não descuidou a dimensão social e política do cuidado, porque a sua paixão foi o Reino de Deus e não só cada uma das pessoas sofredoras, lutava por um mundo diferente, uma sociedade que fosse uma família de filhos e irmãos.

Jesus ajudou e deixou-se ajudar, aprendeu a dar e a receber, ensinou e aprendeu: da vida, das pessoas, dos lírios do campo, dos pássaros, da terra, da semente...

Em vez de falar de como Jesus serviu de ajuda vamos escutá-lo a ele.

“**Dar vida**”¹ foi uma paixão na minha vida, poderia dizer que foi algo que deu sentido à minha vida. Mas dar vida não é só dar à luz, ressuscitar... mas sobretudo é ajudar a que cada pessoa possa viver segundo a sua verdade, segundo as suas possibilidades e limites, ser ela mesma e desenvolver o seu ser, com o que a vida fez com ela e nela.

¹ Jo 10,10

É sugestiva a imagem de ser “**parteiro de vida**”, gosto. Na história do meu povo guardava-se memória agradecida de Sifrá e Puá² que arriscaram a sua vida para ajudarem as mulheres israelitas a dar à luz.

Também a minha mãe foi fazer de parteira quando soube que Isabel estava grávida.³

Saber favorecer o nascimento de cada pessoa na sua verdade mais profunda, em todas as suas possibilidades, é uma tarefa apaixonante, é colaborar com o meu Deus Mãe nesse ajudar a ser cada pessoa o que pode e está chamada a ser.

Ajudei as minhas amigas e os meus amigos a extraírem deles o melhor de si, por isso, antes de morrer pude orar a meu Pai dando graças por isso e devolvendo-os às suas mãos: “Tu mos deste e eu tos ponho nas tuas mãos, tos devolvo.”⁴ . Sim, Tu, meu Deus Mãe-Pai, me deste amigas e amigos e eu os cuidei com mimo, com esmero, mas também com respeito, deixando-os ser eles mesmos.

Eu os ajudei escutando a sua verdade mais profunda, a sua singularidade única e irrepitível.

Os amigos são sempre um dom teu, uma manifestação do teu amor, Deus meu, e por isso te dou graças.

Não era fácil respeitar cada pessoa na sua singularidade e ao mesmo tempo ajudá-las a crescer, acolher os seus desejos e petições quando estes entravam em contradição com o estabelecido, com o politicamente correcto, com o que se esperava de um Rabi.

² Desenvolvi este tema em MARTÍNEZ OCAÑA, E., *Cuando la Palabra se hace cuerpo en cuerpo de mujer*, Narcea, 2010, 3ª, pp. 115-118

³ Lc 1,39-56

⁴ Jo 17,12

Mas sempre foi para mim mais importante a pessoa que tudo o resto, por isso escutei o amor apaixonado de **Maria Madalena**, acolhi-o com gratidão, desfrutei-o, partilhei com ela a minha paixão pelo Reino, os segredos da minha vida, chamei-a para a fazer minha colaboradora na expansão da Boa Notícia.⁵

Era o meu modo de subverter a ordem patriarcal onde só os homens podiam ser discípulos e testemunhas. Ajudei-a, enquanto vivi na história, a libertar-se de tudo aquilo que dentro dela eram obstáculos (“demónios” chamava-lhes a minha gente) para que pudesse acolher com plenitude o Reino no seu coração. Ficou totalmente curada⁶, (sete demónios é a expressão simbólica dessa cura), liberta nas suas melhores energias por isso se converteu numa autêntica seguidora, seguiu-me pelos caminhos cheios de pó da Palestina⁷, seguiu-me até à cruz⁸ quando outros me abandonaram, esteve presente no meu enterro... e depois da minha morte ajudei-a a experimentar o meu amor pessoal por ela e confirmei-a na missão que lhe tinha encomendado: ser a Apóstola dos Apóstolos, a primeira testemunha da Ressurreição.⁹

Ajudei a Maria e a Marta, e também, do mesmo modo que com Maria Madalena, fui ajudado por elas. A amizade foi uma ajuda recíproca para crescer, madurar, ser cada um nós próprios.

Acolhi com gosto os seus desejos de se converterem em discípulas minhas, a Marta custou-lhe um pouco mais, pois ao princípio, condicionada pelos preconceitos patriarcais, não entendia que a sua irmã Maria ousasse pedir-me ser minha discípula e eu o aceitasse. Mas quando eu lhe disse que uma só coisa era necessária e que Maria já a tinha encontrado, estava certo de que Marta compreenderia, como assim foi.¹⁰ A sua casa era o meu lugar de descanso, onde eu me sabia querido, ajudado e protegido, eu também me deixava ajudar.

⁵ Desenvolvi este tema em MARTÍNEZ OCAÑA, E., *Quando la Palabra se hace cuerpo en cuerpo de mujer*, Narcea, 2010, 3ª, pp. 115-118

⁶ Lc 8, 1-3

⁷ Lc 8, 2b-3; 23,49; 23,55;24,10

⁸ Mc 15,14.40.47; Mt 27,55-56; Lc 23,49.55; Jo 20,13.15

⁹ Mc 16, 1-11; Mt 28, 1-20; Lc 24, 1-12; Jo 20, 1-19

¹⁰ Lc 10, 38-42

Esse desejo de servir de ajuda apresentou-se-me num momento sumamente difícil para elas e para mim, foi quando morreu o seu irmão Lázaro, ajudei-as, mas não como elas esperavam, frustrei –as no seu desejo de evitar a morte, mas era necessário que compreendessem para toda a sua vida, que a vida passa muitas vezes pela morte. Aceitei a sua crítica de não ter estado ali a seu lado mas então comuniquei-lhes uma boa notícia: “não está morto, está a dormir”.

Muitas vezes damos por mortas partes nossas, realidades nossas, pessoas, tarefas, instituições. Só estão a dormir, esperando que alguém lhes transmita vida e possam ressuscitar. Elas necessitavam dessa experiência, e tu? ¹¹

Também ajudei em tudo o que pude os meus amigos: aos doze (de um modo especial Pedro, Tiago e João), a Nicodemos, a Zaqueu... Ajudei-os respeitando a sua identidade e tentando fazê-los ver as suas debilidades, os seus medos, as suas lutas inúteis por quem seria o primeiro, as suas dificuldades para entender que o Mestre é aquele que serve e lava os pés.¹²

Acolhi com misericórdia as suas necessidades de sinais, ver e tocar ... para crer. Sentei-me com eles acolhendo a sua necessidade de compreender as minhas parábolas, o mistério da vida e da morte, como o grão de trigo deve morrer para dar fruto. Não entenderam muito, mas eu continuei confiando neles.

Ajudei-os querendo tirar deles o melhor que tinham dentro de si, a Pedro, o do coração grande, mas fanfarrão que se cria melhor que ninguém, quis fazer-lhe compreender a sua fragilidade e vulnerabilidade humana. Só a experiência da mesma o fez mudar, mas eu continuei a confiar nele, encomendei-lhe o cuidado dos seus irmãos e irmãs na primeira comunidade.¹³

Quis ajudá-los a serem eles mesmos, mas não os superprotegi, nem lhes evitei os seus erros, tão pouco os utilizei: deixei-os adormecer quando eu os

¹¹ Jo 11,1-54 Desenvolvi este tema em Cuando la Palabra se hace cuerpo...en cuerpo de mujer, o.c, 96-112

¹² Jo 13, 1-17

¹³ Jo 21

necessitava a meu lado consolando-me no horto¹⁴, deixei-os partir quando o medo os atormentou, negar-me, vender-me com um beijo de traição.

O meu melhor meio de os ajudar era fiar-me deles, confiando no seu melhor eu, por isso, depois da minha Ressurreição os confirmei na sua missão de proclamar a boa notícia. E não me defraudaram.

Ajudei-os tudo o que pude, enquanto caminhei na história com eles, e depois da minha morte fi-los experimentar que eu sempre estou com eles como peregrino, como amigo que parte o pão¹⁵ e lhes prepara os pães e os peixes.

Foi especialmente delicado para mim servir de ajuda a minha mãe.

Primeiro deixei que ela fosse a minha melhor ajuda para poder ser eu mesmo, não só porque me levou no seu útero, me deu à luz e me alimentou a seu peito, mas porque me ajudou a crescer em idade, sabedoria e conhecimento, em Nazaré, junto a meu pai José.

Depois tive de aprender a ajudá-los a eles, sabendo, a seu tempo, pôr limites aos seus desejos de me controlar, de me fazer segundo os seus sonhos sobre mim. Eu tinha que ser fiel a mim mesmo e ao sonho de Deus sobre mim e isso não coincidia com as suas expectativas: Já desde pequeno lhes reprovei a sua busca angustiada e lhes recordei que eu me devia a meu único Pai, meu único Deus.¹⁶ Custou-lhes entender mas tinham um coração contemplativo e ruminante e pouco a pouco foram assimilando o *meu estranho modo de me situar ante eles* com as minhas palavras e as minhas acções, mas esse processo foi lento.

A minha mãe, amava-a muito, mas como toda a mãe tinha de madurar, passando pela renúncia ao filho das suas entranhas. Os filhos não pertencemos nunca aos pais e mães, não somos para eles. Eu tinha de ser fiel

¹⁴ Lc 22, 39-46 e par

¹⁵ Lc 23, 13-35

¹⁶ Lc 2, 41-52

à minha vocação, ainda que isso lhes supusesse romper de novo as entranhas, como se de um novo parto se tratasse. Era imprescindível que assim fosse.

Eu a entendi quando ela, com os meus irmãos vieram procurar-me, pois criam que eu tinha ficado louco,¹⁷ queriam evitar-me o que era iminente: o meu linchamento, a minha condenação à morte, por isso procuraram maneira de me tirar do meio. Mas isso não era o que eu tinha escolhido, eu queria ser fiel a mim mesmo, ao meu povo, à minha vocação, ao meu Deus e isso entrava em contradição com os desejos da minha mãe e dos meus familiares, por isso o meu modo de proteger a minha identidade e de os ajudar foi duro, mas não podia sobre protegê-los, nem podia deixar-me manipular pelos seus desejos (legítimos, por outro lado); por isso tive de lhes dizer que “a minha mãe e os meus irmãos eram os que escutavam a palavra de Deus e a cumpriam.”¹⁸

Não o entenderam então, mas era o momento de os ajudar a crescer na fé, a passar dos laços da carne aos laços da fé e a minha reacção tentava encaminhá-los nessa direcção, ainda que sim, fi-los sofrer. Frustrava as suas expectativas mas não podia evitar-lhes esse sofrimento.

Ajudar a minha mãe em Caná foi também fazê-la ver, que ela não marcava o meu tempo, mas acedi ao seu desejo de ajudar um casal recém-casado atrapalhado e sobretudo para expressar que tinha chegado a hora de substituir as tinas pesadas de água da antiga aliança, feitas de prescrições e normas, pelo vinho novo da festa de Deus entre nós.¹⁹

Servir de ajuda a minha mãe foi também prepará-la para a dor da minha morte, não estava nas minhas mãos evitar-lhe essa amargura e não o tentei. Mas ali no Gólgota abri-lhe a possibilidade de crescer, oferecendo-lhe a minha nova família para que a fizesse sua, ajudei-a oferecendo-lhe uma nova fecundidade, perdia um filho e podia ganhar uma comunidade, a comunidade

¹⁷ Mc 3, 20

¹⁸ Mc 3, 31-35

¹⁹ Jo 2, 1-12

dos meus amigos e amigas.²⁰ Ela deixou-se ajudar, acolheu os meus como seus, por isso depois da minha Ressurreição, quando lhes enviei o meu Espírito, ali estava ela formando uma Nova família, a família dos “amigos de Jesus²¹”.

O meu desejo de dar vida, a minha generosidade, voltou-se de um modo especial para os excluídos, marginalizados, doentes, pessoas pecadoras oficialmente... assim mo tinha revelado Deus, assim sentia eu o Seu coração de Mãe-Pai, que põe mais amor onde há mais necessidade. Por isso a minha compaixão, cuidado e empenho por ajudar o voltei para eles e elas, oferecendo-lhes a minha riqueza pessoal, fazendo-me eu pobre como eles, marginalizado, pondo-me como eles na fila dos pecadores para ser batizado por João²². Fiz o possível por os acolher, por compreendê-los, oferecendo-lhes pão e vinho para o caminho.

Não me quis esquecer, nesse desejo de ajudar, dos estrangeiros, aceitando-os como filhos de Abraão, ainda que nisso foi uma mulher cananea que me abriu os olhos.²³

Também pus especial cuidado em ajudar as mulheres, quebrando estereótipos, reconhecendo-as na sua dignidade, escolhendo-as como minhas seguidoras, testemunhas da minha ressurreição, pondo-as de pé.

Não pararia de te narrar o gozo tão profundo que todas estas experiências me produziam. Porque poder dar vida, capacitar para que cada pessoa possa viver a sua vida e a sua verdade, é uma fonte profunda de fecundidade e de felicidade.

Desejo-te que tu também tenhas essa experiência.

Jesus parteiro de vida.

²⁰ Jo 19, 25-27

²¹ Atos 1,12-14. O tema de Maria desenvolvi-o em o.c. *Cuerpo Espiritul*, pp. 160-184

²² Mc 19

²³ Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-31. Desenvolvi este tema em *ibidem*, 74-81

JESUS DE NAZARÉ, TESTEMUNHA VÍSIVEL DA MISERICÓRDIA ENTRANHÁVEL DE DEUS

Queridos irmãos e irmãs, sou Jesus de Nazaré, sei da vossa preocupação por viver, como comunidade eclesial, em fidelidade ao mesmo Espírito que a mim me alcançou e Me fez possível ser testemunha da entranhável misericórdia de Deus, e ao mesmo tempo quereis ser fiéis ao vosso momento histórico e ao vosso povo, como eu também o quis.

Essas foram as minhas grandes paixões enquanto caminhei pela minha terra, por isso quis hoje vir a partilhar convosco a minha própria experiência, para o caso de vos servir de ajuda.

É verdade que o meu tempo não é o vosso, separam-nos vinte e um séculos, mas sim, descubro problemas comuns: a gente sofre, não tem trabalho, nem saúde, nem se sente querida e respeitada, há violência, guerras, fome material e espiritual, não se respeitam os direitos humanos, há uma profunda divisão social, económica, ideológica, na distribuição dos bens há uma flagrante injustiça... Sucedem-se escândalos de corrupções várias entre autoridades políticas, económicas, religiosas e isso desanima e faz difícil ter esperança.

De tudo isso também eu fui testemunha e conheço como tudo isso ressoa no coração, dói, às vezes desalenta, desanima. Também eu tive de fazer um caminho de crescimento na escuta, acolhimento e transformação da minha pessoa para poder viver todos os acontecimentos duros do meu tempo e os que a mim, pessoalmente, me tocou assumir. Fui crescendo na capacidade de me deixar alcançar pelo Espírito de Deus, pelo seu amor incondicional, para poder assim ser testemunha da Boa Notícia **da sua misericórdia entranhável**, a que eu tinha experimentado no meu coração.

Não foi fácil, o Deus que me proclamavam os escribas e os fariseus não coincidia com a experiência que eu tinha de Deus. As autoridades religiosas do

meu tempo não me ofereciam referências válidas para reconhecer nelas o amor incondicional de Deus, a sua preferência pelos últimos, a sua entranhável misericórdia.

O que é que me ajudou a abrir-me ao Espírito do meu Deus, a viver e a proclamar, apesar de tudo, a boa notícia do Reino?

A verdade é que, na minha vida de busca contínua, vivi **uma experiência fundante** que alterou a minha vida e a mudou para sempre, convertendo-se na coluna vertebral da minha pessoa. Eu era um crente judeu e como muitos dos meus correligionários queria que o Reino de Deus se fizesse verdade no meio de nós. **Fui baptizar-me ao Jordão e ali se revelou a verdade de mim mesmo e de Deus.**²⁴ Com uma luz deslumbrante descobri quem era Deus e quem era eu para Ele: **filho amado em quem Deus se compraz**, por eu ser filho, por puro amor seu, não pelos meus méritos. Fiquei transtornado, deslumbrado; necessitei de ir ao deserto para interiorizar, penetrar com mais profundidade essa experiência. Ali, no silêncio dos dias e noites fui descobrindo a **entranhável ternura** de Deus, o seu amor incondicional por todos os seus filhos e filhas, por toda a sua criação, **a sua paixão pelo perdido** deste mundo, o seu sonho de fazer deste mundo uma família de filhos e irmãos... tudo mudou para mim. Já não podia senão viver para tornar verdade este sonho, para viver como Filho amado e irmão de todos, para ser testemunha visível do invisível Deus amor de misericórdia.

Essa era a melhor boa notícia que jamais tinha recebido e comecei então a proclamar com a minha vida e as minhas palavras que o Reino **já estava** entre nós, no nosso próprio coração, que só fazia falta abrir os olhos e ver, que o Deus da vida nos alentava e sustentava desde dentro, que esse Deus de infinita misericórdia envolve tudo. Nessa misericórdia existimos, respiramos, somos. Pouco a pouco fui deixando Deus ser Deus em mim, consenti em ser alcançado pelo seu amor incondicional.

²⁴ Mc 1

A partir dessa experiência a minha paixão foi converter-me em **sua testemunha**. Pedi intensamente essa graça, trabalhei a minha pessoa para **fazer do meu corpo um lugar para revelar o Deus misericordioso**, que muitos profetas tinham proclamado com paixão... Fui aprendendo a **olhar** o meu povo com o olhar apaixonado de Deus, que sofria ao ver como os seus opressores o tratavam, transformando-o em escravo.²⁵ Eu vi-o no meu tempo, não só havia escravidão económica e política mas também religiosa, a minha gente vivia escravizada pela dominação política, pela injustiça e pela religião opressora. Olhei a minha gente e também a mim **se me comoveram as entranhas** e brotou no meu interior um desejo irrefreável de libertar, pôr em pé, perdoar, devolver a dignidade de filhos e filhas amadas, fiz dos **meus olhos** um lugar para descobrir não só a opressão do meu povo mas também o olhar misericordioso de Deus para com todas as suas filhas e filhos.

Escutei os gritos de dor e de gozo do meu povo, pude compreender as suas necessidades, sonhos, desejos, não fechei os meus ouvidos às suas queixas, aos seus pedidos, e alegrei-me com as suas alegrias. **A minha boca** foi aprendendo a profetizar, a denunciar e a anunciar que a boa notícia do Reino já estava no meio de nós, com a minha boca abençoei e a fechei à maldição e a maledicência, beijei, saboreei a vida. Aprendi a falar e a calar como linguagem de amor. Fui aprendendo a degustar na vida quotidiana os sabores do Reino. Também trabalhei para **fazer com as minhas mãos**, mas sobretudo para fazer delas umas mãos que curam, sanam, ajudam a pôr de pé, para levantar as pessoas paralisadas e decaídas, para ajudar cada pessoa a dar à luz o melhor de si, para levantar, sanar, partilhar. Os **meus pés** fizeram-se samaritanos, não passando de largo face aos que deitados no caminho esperavam a minha proximidade, aproximei-me dos que, deitados no caminho, esperavam o bálsamo da minha proximidade, cura, perdão, reabilitação...

Percorri caminhos conhecidos e desconhecidos, saí da minha terra querendo quebrar fronteiras, estabelecer contactos e diálogos construtores. Como te disse antes, sobretudo **as minhas entranhas se estremeciam de**

²⁵ Ex.

dor ao ver o sofrimento do meu povo e essa dor fez com que toda a minha pessoa se mobilizasse em tornar verdade um amor operativo²⁶, por isso as minhas entranhas foram fecundas, dando vida, esperança, sentido, pão, vinho para que a festa continue. **O meu coração foi aprendendo**, à base de contemplar o meu Deus muitas noites em oração, que estava cheio de nomes, que a única coisa importante era saber amar como Deus ama, com ternura, com compaixão, com gratuidade, com incondicionalidade... trabalhei para fazer o meu coração semelhante ao seu. Pouco a pouco o espírito de Deus me foi alcançando e a minha pessoa fez-se testemunha visível do Deus invisível.

Querer ser testemunho da Sua misericórdia fez-me passar pela vida não como juiz mas como **sanador**. Quanta dor nas pessoas do meu tempo e do vosso momento histórico!

Olhava com horror tantos corpos maltratados de tantas maneiras, violados, violentados, vendidos, comprados, prostituídos, feitos mercadoria barata, fruto do engano e da extorsão, explorados em trabalhos desumanos; corpos mutilados pela violência e pelas guerras; corpos aterrorizados pela repressão e a tortura; corpos sequestrados de tantas maneiras, famintos, desnutridos, doentes por não terem a atenção sanitária a que têm direito; corpos encarcerados muitas vezes porque são pobres e não podem pagar a um bom advogado ou a um fiscal ou a um juiz; corpos famintos de carícias e de contactos. Tantas feridas! No meu interior ressoava o grito de Deus pela boca do profeta Isaías “Consolai, consolai o meu povo”.

Como tornar credível um Deus bom Mãe-Pai e não atender à dor dos seus filhos e filhas? Como proclamar a boa notícia **da misericórdia entranhável de Deus** sem denunciar a dor e as suas causas, sem trabalhar por a aliviar, e tratar de erradicar as causas sociais e estruturais da mesma?

²⁶ Os Evangelhos só utilizam o verbo “*esplajnisomai*” (*comover-se as entranhas*) para o atribuir a **Jesus: Mt 9, 36; 14, 14; 15, 32; 20, 34; Mc 1, 41; 6,34;8,2; 9, 22; Lc 7, 13, ou para personagens de parábolas** estreitamente ligadas a ele Mt 18, 37; Lc 10,33; 15, 20

Tentei passar pela vida como bom samaritano, não só não passar ao largo, mas fazer-me próximo, criar proximidade com a minha maneira de olhar a realidade, para depois me aproximar das pessoas doloridas, saqueadas pelos bandidos de turno, e baixando das minhas cavalgadas, tocar, ungi, limpar, carregar... Descobri a grande necessidade que temos os seres humanos de nos encontrarmos com homens e mulheres sanador@s! Talvez no meu tempo e neste vosso também, nos tenham educado mais para ser juízes que sanadores, para criticar mais do que para compreender, para julgar mais do que para acolher incondicionalmente os corpos feridos em qualquer das suas dimensões. Por isso passei pela vida curando, tratando de expulsar demónios... tantos (violências, fomes, guerras, classismos, sexismos, racismos, terrorismos, egoísmos, narcisismos...). Não vos esqueceis que uma das características dos meus discípulos é a de “expulsar demónios”²⁷. E não se trata só de curar doenças mas de algo mais urgente: *estabelecer contactos sanadores*. Eu descobri em mim essa graça, por isso as pessoas *tratavam de me tocar, porque saía de mim uma força sanadora*.

Esta foi uma das minhas convicções básicas, e que proclamei com toda a solenidade no sermão da montanha e que Mateus recolheu no seu capítulo 25, que no fim da vida saberemos se ganhámos a vida ou a perdemos em função de **como foi o nosso amor operativo** que passa pelo corpo e o cura, que toca a alma e a cura nas suas solidões e aflições, quer dizer, **como foi o nosso amor compassivo, sanador**: amor que se faz pão e água que sacia a fome e a sede; vestido que cobre as várias nudezes, companhia na dor da solidão, da doença..., libertação das diversas prisões em que caímos, acolhimento nas exclusões de raça, sexo, classe...

Quer dizer que se nos vai perguntar se passámos pela vida como Sanador@s ou não, aí descobriremos, como vos disse antes, o que é ganhar ou perder a vida. Nada mais, nada menos!

²⁷ Mc 3, 13-16; par

Desejo-vos de todo o coração que vos deixeis alcançar pela Sua misericórdia, aí onde cada um@ mais o necessite; o mais dolorido, doente, danificado, incoerente, desajustado... É aí precisamente na vossa debilidade onde o Deus da misericórdia entranhável se derrama, disso eu sou testemunha.

Com carinho e esperança.

Jesus de Nazaré,
filho amado de Deus e vosso irmão.

EXERCÍCIO DE MEDITAÇÃO:

O RIO COMO SÍMBOLO DA FECUNDIDADE E DA PRÓPRIA VIDA

- Imagina um rio com o maior pormenor possível, como é o seu caudal, a sua força, por onde corre, se é rio de planície ou de montanha.
- Identifica-te, neste momento da tua vida, com esse rio e pede a graça de ver e contemplar a verdade mais profunda da fé. Para tanto, toma consciência de alguns aspectos do rio:
 - * **Caudal:** não só *quanto* caudal de água leva, mas *o que tem alimentado* o caudal do rio, donde procede a sua água: nascente, outros rios, afluentes, chuva, poços, rios subterrâneos, neve;
 - * - **Força do rio:** flui suavemente, manso, rápido, correndo; Está *parado*? Em pântanos, lagos, com diques, ribeiros, com falta de água, de força, de energia? Está *perdido* ou perdendo água?
 - * **Leito:** *por onde passa?* Planícies, vales, montes, cidades? Como são esses lugares? *Aonde chega*, que pessoas dele beneficiam, que realidades dele *aproveitam?* *Que terras fecundou ou está fecundando* e como? Que vida brota nas suas margens? Para quem ou a quem *se dirige* a direcção e o leito?
 - * **Desaguamento.** Toma consciência de qual é a *foz* desse rio, aonde vai desaguar...

Depois de ver com lucidez o rio, pede a graça de **contemplar** o mais profundo dele: Quem é de verdade este rio: contempla o Senhor Jesus como origem (a fonte de água viva); como o caudal (afluentes, chuvas, poços subterrâneos), como o leito por onde o rio corre, como a meta final, como **vocação definitiva: o rio é chamado a ser o MAR.**

Termina a tua oração **pedindo** a graça de:

- **Experimentar essa verdade**, de viver assim mais conscientemente;
- **Deixar-te alimentar** pela sua água viva;
- **Permitir ser conduzido/a** pelo seu leito;
- **Aceitar ser fecundada** pelos seus valores, pelo seu amor

Alguns textos significativos que podem ressoar: **Jr 1,13**; e **Jo 7,38**

EXERCÍCIO DE MEDITAÇÃO:

CONTEMPLAR A FECUNDIDADE DE DAR À LUZ O MELHOR DE TI

A partir desta experiência de calma e abandono, convido-te, uma vez mais, a fazer a experiência de um texto meditado e contemplado muitas vezes – **a vocação - missão de Maria** (Lc 1,26-42). Não se narra apenas o que nela se passou, **nela se fala de ti.**

Uma vez mais, recupera essa experiência fundante, que anuncia-te que **estás grávida/o de vida nova**, que **algo de novo está a crescer nas tuas entranhas**, que **algo novo está nascendo em ti.**

Deixa que nas tuas entranhas **ressoem** estas belas palavras: alegra-te, o Senhor está em ti e desde sempre te enche com a sua graça, **estás grávida/o de vida nova**, sempre amanhecendo...

Dá-te tempo para descobrir como essas palavras **são verdade em ti**, nomeia **a verdade da vida nova que desde já há algum tempo vais detectando na tua vida**, pessoas, valores, crenças, atitudes, sonhos, emoções...

Talvez esse anúncio te perturbe e te perguntes: *como pode ser isso, se eu ...?* Mas, uma vez mais, a palavra ressoa contundente. *O que és no mais profundo do teu ser não é obra tua*, nem de homem, nem de mulher, nem do teu esforço, nem das tuas boas obras ...é obra de Deus em ti, é dom de Deus para ti ... é ser de Deus em ti ... é amor de Deus que fecunda a tua vida, o que quer que tenha acontecido na tua vida, sejas como fores, és o que Deus te quis oferecer, o seu ser divino...a sua imagem... filho amado e filha amada de Deus.

Dá-te tempo para respirar estas palavras. Não importa se as sentes ou não. Acolhe-as como a grande notícia que nos trouxe Jesus. Respira-as querendo acreditar, acolher, interiorizar, pedir que algum dia seja experiência... **Tu estás grávida/o de vida nova, a vida de Deus em ti**, como dom da criação.

Essa criatura nova, que está ascendo em ti, **chamar-se-á Jesus**, porque no seu nome foi gerada, porque essa é a vocação cristã, deixar que Cristo se configure em ti. Chegar a ser como Jesus, *verdadeiramente filho e filha, irmão e irmã ao seu estilo*. Sente esse chamamento a seguir, colaborando no teu novo nascimento, sempre possível ainda que o consideres impossível (Jo 3,1-12); ainda que tu não acredites em ti, Deus acredita.

Mas há algo mais: como a Maria, se anuncia que **Isabel, essa mulher velha e estéril**, também está grávida de vida nova. Toma consciência de que Isabel é um símbolo de todas essas *realidades que tu pressentes* como “velhas e estéreis”, das quais nada esperas... Dá-te tempo para enumerá-las.

Escuta que o coração volta a dizer-te que **também elas estão grávidas de vida nova**, ainda que isso te pareça impossível, porque o Deus, que tudo sustenta, trabalha a partir de dentro em cada pessoa, em toda a realidade, e a partir dessa presença toda a vida nova é possível. Acreditas nisto?

A tua tarefa é **acolher, consentir nesse amor... e deixar-te alcançar por esse amor**.

Pouco a, pouco, vais deixando cair estas palavras como chuva mansa no teu coração e como Maria sente o desejo de ir colaborar no nascimento dessa vida nova que está também nascendo à tua volta, ao perto e ao longe.

Termina a tua oração acolhendo o chamamento a colaborar activamente no *nascimento de um mundo novo* que já está emergindo entre dores de parto.

Com temor e tremor, deixa-te acompanhar pela tua irmã mais velha, Maria, **faça-se em mim, como Tu queres, que a Tua Palavra se faça verdade em mim**.